

Cresce o número de mulheres médicas

De 2000 a 2009, a proporção de profissionais do sexo feminino no universo de médicos registrados no Brasil subiu quase quatro pontos percentuais – de 35,5% para 39%. Os dados são do último levantamento do Conselho Federal de Medicina (CFM), divulgado em abril de 2010, que comprova a tendência de aumento no número de mulheres na medicina.

Em Minas Gerais, em 2000, eram 17.117 homens. Em 2009, esse número saltou para 22.099, um aumento de 29,1%. As mulheres, naquele mesmo ano, somavam um total de 7.914. Já em 2009, os registros subiram para 12.225, um acréscimo de 54,5% na força de trabalho feminina.

No período, houve a inscrição de 67.885 novos médicos nos conselhos regionais, sendo que 50,1% (33.999 profissionais) eram mulheres. Na série histórica, apenas em três anos houve um total de indivíduos do sexo masculino inscritos superior ao de indivíduos do sexo feminino, segundo o levantamento do CFM.

De acordo com o Conse-

lho, percebe-se que essa tendência se consolida principalmente entre os novos médicos. Em Minas Gerais, na faixa etária de 25 a 29 anos, a predominância de mulheres é de 50,9% e, de 20 a 24 anos, já chega a 60,2%. Um dos exemplos que comprovam o aumento no número de mulheres na faixa etária de 20 a 29 anos é o da estudante do 7º período de medicina do Uni-BH Érika Milhomem da Silva Mota, de 21 anos. Atual presidente da Sociedade de Acadêmicos de Medicina de Minas Gerais (Sammg) – segunda mulher a ocupar o cargo em 15 anos da instituição – Mota vê um crescente aumento também na participação das mulheres em cargos de chefia, mesmo que timidamente.

“Nossa diretoria atual, por exemplo, é predominantemente feminina. No começo, noto que nossos colegas levam um pouco de susto quando uma mulher chega a algum cargo de destaque. Na verdade, eles não esperam que nós ocupemos esse espaço, mas passado o baque inicial as

barreiras são vencidas. A meu ver, isso é normal porque começamos a entrar em um universo que era deles. Por isso, a cobrança por um bom desempenho é sempre maior”, afirma a presidente da Sammg, que conta que sua turma de faculdade tem 70% de mulheres.

Segundo a socióloga Maria Helena Machado, diretora do Departamento de Gestão do Trabalho e Regulação em Saúde do Ministério da Saúde, a presença da mulher chega a 70% nos ramos da saúde, muito em função da natureza do trabalho. “São áreas que envolvem a questão do cuidar e aconselhar, muito semelhante às encontradas em uma estrutura familiar, onde o desempenho dessas tarefas é inegavelmente delegado às mulheres”, analisa.



A socióloga Maria Helena Machado afirma que as mulheres já ocupam 70% dos postos de trabalho da área de saúde

Oportunidades iguais

Particularidades à parte, competência e disposição são fatores que mandam no momento da disputa por cargos, sejam eles eminentemente masculinos ou femininos. "Nesse ponto, a mulher quando quer, disputa os espaços tipicamente ocupados por homens de igual para igual. Aí vale a vontade de querer enfrentar e exercer atividades que requerem um esforço maior, seja da parte física ou mesmo que necessitem da execução de seus trabalhos em cargas horárias mais extenuantes", pondera a socióloga Maria Helena Machado.

Para uma das pioneiras na cirurgia plástica em Minas, Emília Klein, de 65 anos, não existe nenhuma diferença no fator competência quando o assunto é homem ou mulher. Ela acredita que a excelência no exercício da profissão depende muito mais do estudo e da capacidade de apreensão do profissional. "Habilidade sim! As diferenças não se ligam ao sexo do profissional somente, mas à sua capacidade de relacionamento interpessoal, à sua formação biopsicossocial, à capacidade analítica de ouvir, interpretar e de

acolhimento requeridas pelas especialidades clínicas. Nas especialidades cirúrgicas, somemos a habilidade manual e a capacidade de visão tridimensional. Em algumas especialidades, onde prepondera a delicadeza de trato, a mulher certamente levará vantagem; naquelas em que força faz sentido, a mulher se porá em desvantagem", opina a cirurgiã.

Klein acredita que para muitos, infelizmente, ainda exista a "pecha" de que a mulher é um sexo frágil e, em sua opinião, muitos homens ainda lutam pela permanência desse rótulo. "O tratamento, em sua maioria, tende a ser cortês, porém observa-se uma velada estranheza – misto de competição, inveja, desconfiança, desrespeito, impedindo uma fluidez de emoções verdadeiras, palpáveis", afirma. "Tenho a sensação de estarmos colocadas sob algumas visões masculinas e machistas como usurpadoras de um lugar que deveria estar em mãos deles, pois somos ameaça à essa hegemonia masculina falida. Felizmente, uma nova geração masculina timidamente já chega com mais sabedoria, fazendo-me crer que mudanças para melhor acontecerão. Sou incorrigivelmente otimista", completa a cirurgiã plástica.

Emília Klein, uma das primeiras cirurgiãs plásticas de Minas Gerais, percebe que nas gerações mais novas o preconceito contra mulheres médicas está diminuindo

Alexandre Guzanho



Conciliar trabalho e família é desafio

Segundo a socióloga Maria Helena Machado, no caso da medicina, nota-se que a escolha, em sua grande maioria, é por especialidades que permitam à mulher conciliar trabalho e família. “Há uma claríssima concentração em especialidades que exigem menos esforço físico, a não presença em plantões e maior maleabilidade de horário. E não vejo isso como problema. É uma questão cultural e faz parte de nossa realidade. A nós, mulheres, cabe o papel de reprodutoras, de mães, de cuidar da família e, por mais que os homens ajudem, isso é fato consumado”, explica Machado.

Apesar dessas características, nota-se a passos largos uma mudança na presença das mulheres também em especialidades predominantemente masculinas. Mesmo que elas ainda sejam e permaneçam sendo exercidas majoritariamente por homens, muitas médicas optam pela escolha, seja por vocação, desafios ou novas possibilidades que possam oferecer.

Esse foi o caso da cirurgiã geral e coloproctologista Cynthia Carvalhais Dutra, de 40 anos, que

desde 2003 trabalha no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) de Belo Horizonte – hoje com a presença de 93 médicos (63 homens e 30 mulheres). “Sempre fui fascinada pela dinâmica do serviço pré-hospitalar. Cada plantão é único, em termos do tipo de atendimento, nada se repete. Sempre temos uma noção global do que acontece na cidade, estamos a postos diante de um acidente com múltiplas vítimas ou catástrofes. Chegamos até as pessoas em seu domicílio, em seu trabalho, nas estradas ou nas ruas.

Entramos na vida delas, algo muito diferente do que acontece quando estamos nos hospitais e consultórios, quando são os pacientes que nos procuram”, explica a especialista.

A cirurgiã acredita que as mulheres escolhem frequentemente outras especialidades mais pelo seu próprio perfil do que pelas capacidades técnicas como médicas. Ela explica que as especialidades cirúrgicas demandam muito tempo de formação (seis anos de residência, em média), plantões habi-



A cirurgiã geral e coloproctologista Cynthia Carvalhais Dutra gosta da dinâmica de trabalho no Samu, mas admite que projetos, como a maternidade, são adiados

tuais e acompanhamento do paciente cirúrgico, que pode precisar a qualquer hora da presença de seu médico. "Por isso, determinados projetos, como a maternidade, ou são postergados ou até mesmo tornam-se inviáveis com a rotina de determinadas especialidades", pondera.

Outra médica que também optou por uma área reinada ainda por homens foi a ortopedista e traumatologista Larissa Cardoso Lopes, de 29 anos, que terminou sua especialização em dezembro passado. A opção pela ortopedia veio atrelada à escolha da medicina. Filha de ortopedista, Larissa Lopes conta que apesar do exemplo do pai decidiu pela especialidade por gostar de áreas cirúrgicas. Ela lembra situações engraçadas, como a do dia em que foi visitar um paciente operado e a esposa dele pensou que ela fosse dermatologista. "Nunca nos vêem como uma pessoa que trabalha com cirurgia,

Ortopedia, então, nem se fala", conta Lopes.

Primeira mulher na equipe de ortopedia do Hospital Madre Teresa, em Belo Horizonte, Larissa Lopes conta que ao escolher a especialidade sentiu um pouco de resistência. "Achavam que eu não ia dar conta. Sem dúvida, é uma especialidade que demanda mais força. Mas logo se acostumaram e constataram que o vale mesmo é a competência. Percebo em ci-

rurgias que há um cuidado maior dos homens conosco, mas em nenhum momento nossa capacidade é colocada em questão", explica a médica que, apesar de saber da pesada rotina, não se arrepende em nada da escolha. "Sei que o planejamento de constituir família vai ficar mais para frente. Posso não ser aquele tipo de mãe 24 horas, mas isso não me impedirá de casar e ter filhos. Não vejo minha especialidade como um impeditivo e as mulheres não deveriam ver também dessa forma", opina a ortopedista.

Para o ex-presidente do Departamento de Oftalmologia da Associação Médica de Minas Gerais, Sérgio Pena Barbi, feminismo e guerra dos sexos à parte, a verdade é que a mulher vem se destacando de forma acentuada na especialidade nos últimos anos. Barbi acredita que essa tendência tem sido observada de forma bem nítida nas salas de aula. De acordo com o médico, o Censo de 2007 aponta que as mulheres estão ligeiramente à frente pela procura de vagas na área médica, com 55% das intenções de ingresso. Na oftalmologia, os dados se reproduzem. Segundo Barbi, a prova nacional de oftalmologia do Conselho Brasileiro de Oftalmologia, realizada em janeiro de 2007, registrou 228 mulheres de um total de 512 inscritos. "E o número de mulheres oftalmologistas vem aumentando significativamente a cada ano. Fato que pode ser facilmente constatado nas residências médicas, onde em alguns anos o número de mulheres até supera o de homens. Mérito delas", afirma o oftalmologista.

► Confira, na página 5, editorial e charge sobre o tema.

Mulheres x homens no vestibular

Universidade Federal de Minas Gerais

Número de inscritos	2005	2010	Crescimento
Homens	3.570	3.738	4,7%
Mulheres	5.893	7.314	24,1%

Fonte: Faculdade de Medicina da UFMG

Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

Percentual de inscritos	2008	2009
Homens	36%	33%
Mulheres	64%	67%

Fonte: FCMMG